

Mão Branca esteriliza índia Kayabí

O caso Everon não seria o início de uma campanha para diminuir a clientela da Funai?

Inúmeros métodos já foram e são utilizados para exterminar as populações indígenas. Os métodos grosseiros de genocídio - em que o assassinio é direto, com armas de fogo, com roupas ou alimentos contaminados - têm eficácia relativa, entre outras razões porque, ao serem descobertos, sensibilizam a sociedade envolvente. Os métodos sutis - como passar estradas através de reservas indígenas - ao contrário, têm eficácia duradoura, tardam mas não falham. A esterilização da índia Kayabí Everon pode ser classificada como um método sutil.

Everon teve as trompas ligadas dia 10 de julho, durante a operação cesariana em que deu à luz a trigêmeas, no Hospital de Base de Brasília (1). Oficialmente, a direção do Hospital alegou razões de saúde para justificar o ligamento ou laqueadura tubária em Everon: se engravidasse de novo, ela, supostamente, correria risco de vida.

Um plano sinistro: 15 milhões de mulheres estéreis até 1990

Não fosse uma nota publicada pelo *Jornal do Brasil* dia 14 de julho, denunciando a ligação de trompas, o parto de Everon passaria como um fato digno das colunas sociais ou programas de televisão ávidos por fenômenos raros, exóticos. Os jornais do dia 13, aliás, noticiaram fartamente a visita que o presidente da Funai, coronel Paulo Moreira Leal e sua mulher, Dona Zenit, fizeram a Everon. Durante a visita, Dona Zenit presenteou Everon com um enxoval e o coronel Paulo Leal declarou que "ao aceitar as trigêmeas e essa maneira de dar à luz, o índio está dando um exemplo de integração à comunidade nacional".

A nota do *Jornal do Brasil* trazia declarações do médico residente José Raimundo Cavalcanti confirmando a esterilização e dizendo que a Funai havia autorizado a operação. O porta-voz da Funai, Odil Telles, contradizia o médico afirmando que a presidência do órgão tutor não fora comunicada da cirurgia.

Estarrecidos com a notícia, os meios indigenistas imediatamente associaram a esterilização de Everon à denúncia feita pelo general Antônio Carlos de Andrada Serpa durante a XXXIV Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). O general Andrada Serpa, conhecido por suas posições nacionalistas, sustentou que as fundações

norte-americanas Rockefeller e Ford têm um plano para "esterilizar, até 1990, através de 700 clínicas, 15 milhões de mulheres brasileiras e reduzir a natalidade a 1%, taxa igual à dos países da velha Europa". A associação dos dois fatos justifica-se, inclusive porque, como lembraram alguns defensores da Causa Indígena, a esterilização dos índios foi uma prática massiva nos Estados Unidos, país que também procura conter o crescimento da população de suas colônias (2). Sabe-se, a propósito, que um terço das mulheres em idade fértil já foram esterilizadas em Porto Rico.

Mas, afinal, que papel jogou a Funai no caso Everon? Do ponto de vista legal, o órgão tutor, obrigatoriamente, teria de ter assistido a índia na autorização da cirurgia. O próprio presidente da Funai, entretanto, afirmou que não sabia de nada, que fora "pego de surpresa ao abrir os jornais". Por seu turno, o diretor do Hospital de Base, Dr. Gustavo Arantes, declarou que para fazer o ligamento das trompas de Everon, os médicos não precisavam de autoriza-

ção "nem da índia, nem da Funai e nem do Papa".

A história, porém, está mal contada, cheia de contradições. Dia 15 de julho, através do *Jornal do Brasil*, a assistente social da Funai, Ildete Girão Mota, disse que a operação "foi debatida entre os médicos, os pais das trigêmeas e um tio de Everon, desde que ela se internou no hospital, no dia 16 de março, com cinco meses de gestação". O tio de Everon, Pioni, monitor de saúde no Posto Indígena Diauarum, no Parque do Xingu, é que teria, segundo a assistente social, sugerido o ligamento das trompas. Além disso, Ildete Mota afirmou que a cirurgia foi autorizada pela Funai: "O Serviço Social da Funai é que cuida desses assuntos e eu comuniquei a ligação oficialmente à presidência da Fundação na hora em que ela entrou na sala de parto". Quem, afinal, está falando a verdade?

Foi para responder a esta pergunta que o Cimi, orientado pelo jurista Dalmo Dallari, ex-presidente da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São

Paulo, resolveu denunciar os médicos Mauricio Cariello, José Raimundo Cavalcanti e Sandra de Oliveira - responsáveis pela mutilação de Everon - ao Ministério Público. Em carta dirigida dia 15 de julho ao Dr. José Dilermando Meireles, Procurador Geral da Justiça do Distrito Federal, o Cimi afirmou que "a índia Everon foi mutilada e teve os seus direitos, previstos pela Lei nº 6.001 (Estatuto do Índio), desrespeitados".

"Com efeito - continua a carta - o artigo 55 da citada Lei assegura: 'O regime geral da previdência social será extensivo aos índios atendidas as condições sociais, econômicas e culturais das comunidades beneficiadas'. Ora, a laqueadura tubária evidentemente não faz parte da cultura Kayabí, como método de contracepção. Os Kayabí têm os seus próprios métodos contraceptivos..."

"Assim - conclui o documento - o Cimi entende que, se fosse justificável, do ponto de vista médico e de acordo com a nossa cultura, o ligamento das trompas de Everon deveria ter sido comunicado pre-

viamente à Funai, para que a sua tutelada fosse devidamente auxiliada quanto à decisão de realizá-lo. Como tal não ocorreu, o Cimi entende que Everon teve o seu organismo mutilado e os padrões de sua cultura desrespeitados. Daí a razão desta denúncia formulada a V. Exª para que as devidas providências sejam tomadas e os médicos citados em epigrafe sejam responsabilizados criminalmente".

A história está mal contada. Quem está falando a verdade?

Com esta ação, o Cimi espera que o caso Everon provoque um amplo debate entre os médicos para que eles se conscientizem da realidade própria das comunidades indígenas e de sua especificidade jurídica e assim possam evitar a manipulação a que estão expostos, tanto por parte do Governo quanto por parte de grupos econômicos estrangeiros. O Cimi espera, além disso, que a esterilização dos índios não vire uma nova moda genocida no Brasil. (Antônio Carlos Queiroz).

P.S.

(1) Embora tenham nascido algumas semanas prematuramente, as trigêmeas de Everon não tiveram maiores problemas. Elas permaneceram algum tempo na incubadora, mas logo puderam ser amamentadas normalmente pela mãe. Receberam, por sugestão das enfermeiras, os nomes de Uiaira, Potiara e Luana, este último por causa da novela "Sétimo Sentido".

Everon estava no Hospital de Base desde o mês de março, quando foi internada devido a complicações na gestação. Segundo o médico da Funai, Paulo Lenzi, a longo prazo de internação foi determinado porque "não sabíamos em que condições a gestante se encontraria se a deixássemos retornar à aldeia do Parque do Xingu".

(2) Phyllis Young, do Movimento de Mulheres Indígenas dos Estados Unidos, entrevistada pelo *Jornal Porantim* (janeiro/fevereiro de 1982), confirmou a existência desta prática de genocídio. Young disse que a partir de uma denúncia formulada por uma médica, índia, o Congresso fez uma investigação e descobriu que 34% das mulheres índias norte-americanas, em idade fértil, estavam esterilizadas. As índias eram induzidas a ligarem as trompas por assistentes sociais e, sob o efeito de narcóticos, assinavam o documento autorizando a operação.

Trigêmeos no Parque

Não diga mais nada, doutor. Você teve as suas razões para esterilizar a índia Kayabí. Você agiu dentro da sua ética profissional, particular da sua categoria, hipocritamente juramentada. Afinal, não matou ninguém.

A "laqueadura tubária" é uma decisão técnica, amparada pelo sigilo profissional e a lacuna da lei. Não precisa dar satisfação a ninguém. Ai nem o Papa, nem a Funai, nem a parturiente indígena entram para dar palpites, evidentemente, todos eles leigos na matéria.

Você tem razão em dizer que não foi você que roubou a terra dos índios; não foi você que envenenou os seus rios e poluiu o ar de todos nós. Você está certo quando suspeita que o Parque Nacional do Xingu, onde a Kayabí Everon ainda vive com o seu nome próprio, é apenas um mostruário para a Anistia Internacional, um acampamento provisório, uma estação rodo-ferroviária cujos trens de integração levam todos à favela. Favelada, porém, com oito filhos - não é para esterilizar mesmo? Se não saneamos as favelas, amanhã serão ninhos de terroristas. A ligação das trompas é mais barata que Leite Ninho com anticoncepcional. E as ervas do Parque não curam mais. Falou.

Discordo apenas quanto a sua teoria - multinacionalmente respaldada - sobre a oportunidade do não-nascer ou da morte preventiva da prole indígena. Sua prática da responsabilidade não-participada

não é, enfim, elitismo irresponsável, uma paralela ao autocratismo político?

Discordo, também, quando você diz que, em determinadas situações históricas, o tiro de misericórdia - dado pela "mão branca", claro - é uma obra de caridade. Sei, você não é simplista. Você explica que o ama-

nhecer de todos nós, que desaprendemos a vida, será pior. Acho seu raciocínio demasiado rabulista de que nem a bomba, nem a prece ao Nosso Senhor do Bonfim conseguirão mais segurar a porta do nosso tempo.

Discordo atenciosamente do seu diagnóstico e tratamento.



Everon, o marido e as trigêmeas: cobaias da nova moda genocida